

OVINOCULTURA BRASILIENSE

- Evolução e Desafios-

Manoel Luciano Bezerra Filho 09/08/2007

A pecuária nacional vive um emaranhado de incertezas muitas vezes conflituoso. Se por um lado buscam-se alternativas sustentáveis de desenvolvimento, por outro se convive com oportunidades diferenciadas de acesso ao mercado. No caso da ovinocultura, em alguns estados, verificou-se que nos últimos anos houve um crescimento do setor em virtude de sua rentabilidade. A criação de ovinos está superando desafios, ultrapassando fronteiras sulistas e nordestinas e vencendo até mesmo barreiras de caráter cultural. Isto mostra que o Brasil é farto em riqueza natural a ponto de oferecer, de norte a sul e de leste a oeste, condições que proporcionam oportunidades de exploração do potencial da ovinocultura nacional. No Centro-Oeste e, especificamente no DF, existem condições que desencadearam o desenvolvimento da ovinocultura local:

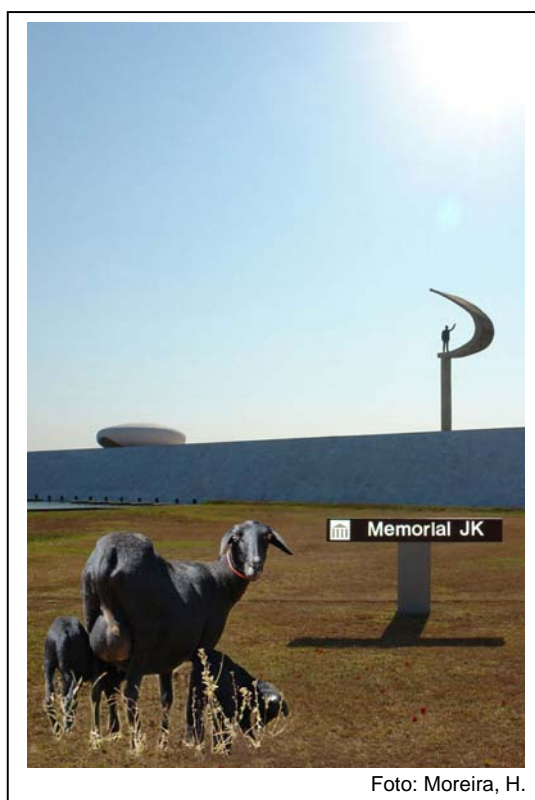


Foto: Moreira, H.

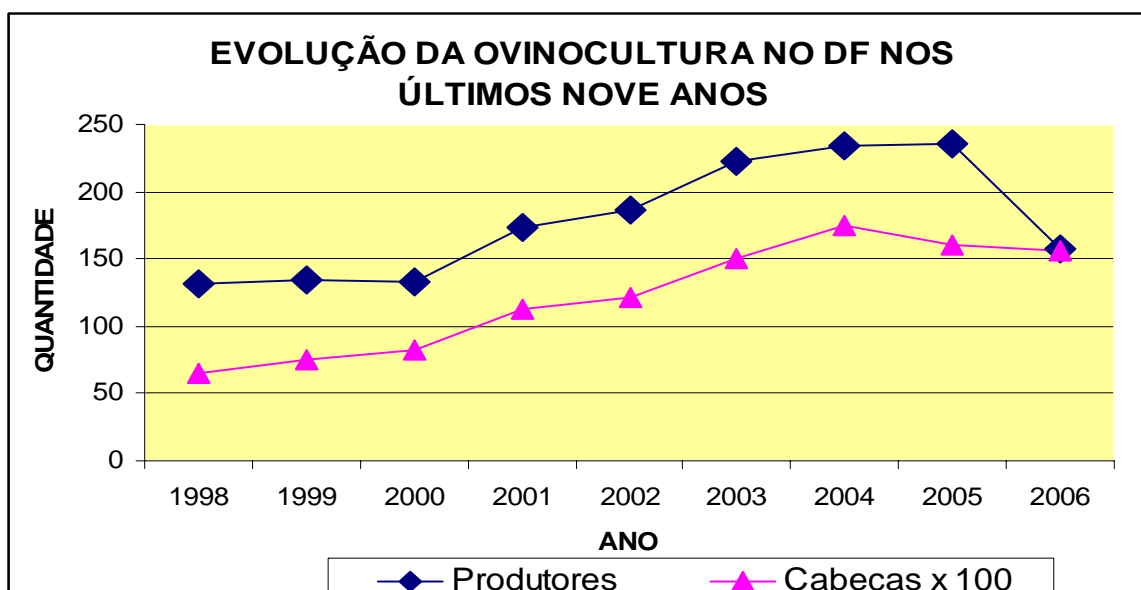
No Distrito Federal, a criação de ovinos teve sua primeira menção oficial em 1968 com um número ínfimo de seis animais, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na década de oitenta houve um crescimento do número de criadores, isso devido a razões culturais, tradicionais, econômicas, religiosas e de fomento estatal. Em função desse crescimento, os ovinocaprinocultores criaram a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Brasília – ACCOB.

Em 1981, a Secretaria de Agricultura do DF e o Ministério da Agricultura firmaram convênio em prol do desenvolvimento da exploração de ovinos. Nessa ocasião o Estado contemplou alguns produtores com um lote de um reprodutor e dez matrizes. Isso foi feito através de um financiamento que ao cabo de dois anos deveria ser amortizado sem correção monetária. Nesse mesmo ano, o IBGE contabilizou um rebanho efetivo de 1.732 cabeças, com predominância fenotípica da raça Santa Inês. Durante todo esse tempo, praticamente grande parte da carne consumida em Brasília era proveniente de outros estados e os abates no DF eram realizados sem inspeção sanitária.

Diante dessa situação, em 1992, a Secretaria de Agricultura do DF, contando com o empenho dos criadores, dos técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER-DF, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA e da Universidade de Brasília – UnB, elaborou, em consonância com a constituição de 1988, um Projeto de Lei que criava o Serviço de Inspeção Distrital – SID. Essa proposta continha, entre outras sugestões, as normas de construção e regularização de pequenos matadouros regionalizados com inspeção sanitária realizada pela Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal e Animal – DIPOVA da Secretaria de Agricultura. O Projeto foi transformado em Lei pela Câmara Legislativa e seu regulamento foi elaborado com a participação das partes interessadas. A partir desse momento, os criadores passaram a ter a alternativa de edificar instalações de pequeno porte para abate de animais e colocar no mercado do DF carnes e derivados com Selo de Inspeção – DIPOVA-.

Em 1999, a Secretaria de Agricultura do DF criou o Plano de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal e Entorno – PRO-RURAL DF/RIDE e que no mesmo ano foi transformado em Lei pela Câmara Legislativa. O PRO-RURAL DF/RIDE é composto por 17 Programas, entre eles o da Ovinocultura. O Programa de Ovinocultura do DF previu, entre outras metas, a de alcançar um plantel de 10 mil matrizes em quatro anos. Sua coordenação está sob responsabilidade da EMATER-DF.

Gráfico 1:



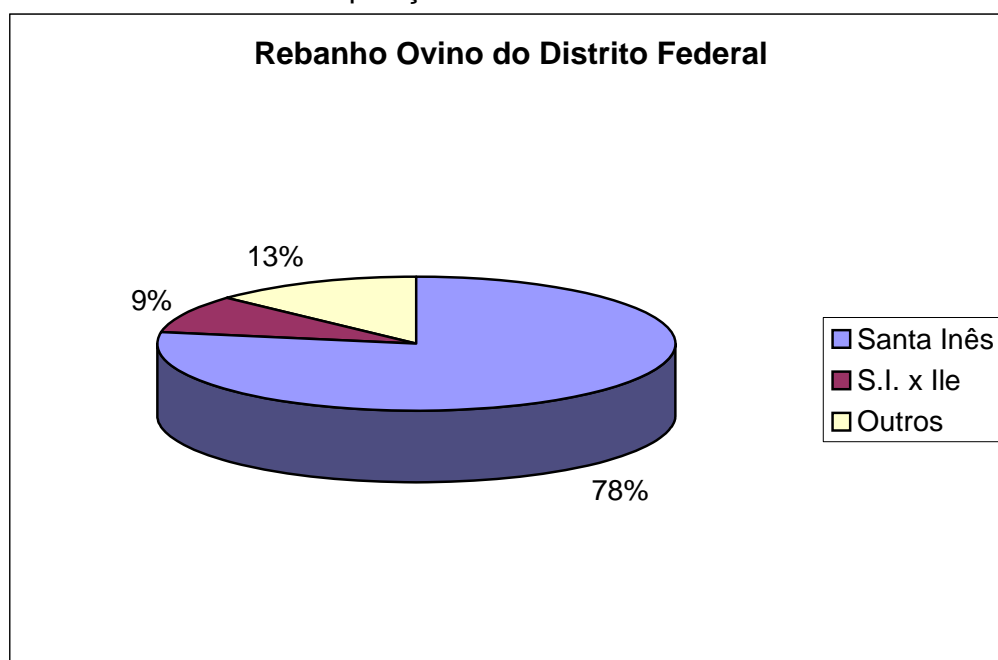
Fonte: EMATER-DF/2006 e Gerência de Agropecuária

Desde a década de noventa os produtores, técnicos e professores universitários vêm fazendo diversas pesquisas em todos os elos da cadeia produtiva de ovinos, com a finalidade de aprimorar a aquisição de insumos, o sistema de produção, o processamento e comercialização dos produtos. Os resultados destes esforços conjunto foram, tanto a capacitação de técnicos e

produtores, como uma maior divulgação da ovinocultura em si e de seus produtos juntos aos consumidores.

O rebanho ovino no DF até o início da década de 90 era composto por animais cruzados, sem raça definida. Na última década, produtores dedicados à exploração da ovinocultura começaram a produzir animais com uma maior padronização racial através da introdução de raças nobres tais como Ile de France, Dorper e principalmente o "Nosso Verde e Amarelo" deslanado Santa Inês. Conforme resultado do levantamento realizado pela EMATER-DF em 2006 essa última é a que melhor se adaptou à região do DF, conforme demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2: Composição racial do rebanho ovino do DF



Fonte: EMATER-DF/2006 Gerência de Agropecuária

O consumo *per capita* (kg/habitante) nos países do primeiro mundo está em torno de 20 kg de carne por ano. No Brasil gira em torno de 1,5 kg e para a região Nordeste está entre 2,5 kg/hab¹. No Centro-Oeste o consumo *per capita* para 2004 foi de 0,146 kg/hab, segundo dados do IBGE. Para uma população do DF estimada em 2006, de 2.383.784 habitantes, estima-se que o consumo tenha sido de 348 toneladas/ano. Considerando que a produção prevista para 2006, é de 62 toneladas estima-se um déficit de 286 toneladas. Para suprir o déficit da demanda

¹ Revista Globo Rural, setembro de 2004.

de carne ovina no DF, será necessário abater 2.383 cordeiros a mais, com peso de carcaça fria de 10 kg.

A EMATER-DF através do Núcleo de Agronegócio realizou, recentemente, uma pesquisa sobre carne de ovinos e caprinos no mercado varejista do DF com o objetivo de identificar a origem do produto, consumo, formas de apresentação e preço de venda. A pesquisa foi aplicada nos seguintes canais de distribuição do DF – restaurantes (9), feiras (14), supermercados (45), abatedouros (3) e churrascarias (6).

Essa pesquisa detectou algumas barreiras que devem ser transpostas pelos produtores da região. Entre elas, as mais relevantes, indicam que para se ter acesso aos canais de comercialização – supermercados, churrascarias e restaurantes – se faz necessária uma escala de produção e abate que proporcione a oferta e a constância de entrega do produto. Outra barreira é a qualidade final da carne dos animais abatidos, que merece intervenções na genética do rebanho e no sistema de produção.

A Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Brasília (ACCOB), SEBRAE, SENAR e UnB, em conjunto com a EMATER-DF, estão desenvolvendo ações no sentido de atuar em todos os elos da cadeia produtiva, buscando a sustentabilidade da atividade no âmbito do DF para evitar o ocorrido com o efetivo entre 2005 a 2006.

Assim, resta-nos então comentar o porquê do declínio deste efetivo entre esses anos como pode ser identificado no Gráfico 1. As principais causas foram:

- Seleção dos animais eliminando os problemas sanitários (linfadenite, mamite, etc.) e pouca resposta zootécnica;
- Novos entrantes sem conhecimento específico do sistema de produção e comercialização de ovinos no DF;
- Os abatedouros começaram a aumentar o grau de exigência para aquisição de cordeiros com padrão de qualidade compatível com os desejos dos consumidores.

E o futuro? No DF, observa-se que existe uma tendência crescente de consumo, sinalizando que o mercado (abatedouros e consumidores) demanda um produto oriundo de animal jovem e que apresente as seguintes características: aroma, sabor, maciez e suculência. Atendidas essas condições, certamente, ocorrerá aumento do consumo e do número de consumidores.

É cedo para opinar. O que o produtor deve fazer é adotar tecnologias de produção compatível com a sua unidade produtiva, acreditar no presente e tendências do mercado e traçar caminhos sólidos para o sucesso da ovinocultura.

Manoel Luciano Bezerra Filho

Médico veterinário – CRMV 0429 –DF/ Formado pela UFRPE.

Coordenador do Programa de ovinocaprinocultura da EMATER-DF.